ACTO PÚBLICO (Madrid, 27/09/81)

Pavilhão dos Desportos

Nota: Convidado pela Comunidade para o Desenvolvimento Humano de diversos países, Silo empreendeu uma digressão com participação em vários eventos públicos. As suas exposições foram acompanhadas pelas dos seus amigos Bittiandra Aiyyappa, Saky Binudin, Nicole Myers, Petur Gudjonsson, Salvatore Puledda e Danny Zuckerbrot.

O núcleo das ideias apresentadas por Silo em Madrid repetiu-se em Barcelona, Reykjavik, Frankfurt, Copenhaga, Milão, Colombo, Paris e Cidade do México. Neste livro incluem-se apenas as intervenções nos actos públicos de Madrid e Bombaim.

Há tempos disseram-me: porque é que não explicas o que pensas? Então, eu expliquei. Depois disso, outros disseram: não tens o direito de explicar o que pensas; então eu calei-me. Passaram doze anos e novamente me dizem: porque é que não explicas o que pensas? Assim, fá-lo-ei novamente, sabendo de antemão que se dirá outra vez: não tens o direito de explicar o que pensas.

Nada de novo se disse então; nada de novo se dirá hoje.

E, bom, o que se disse então? Disse-se: sem fé interna há temor, o temor produz sofrimento, o sofrimento produz violência, a violência produz destruição; portanto, a fé interna evita a destruição.

Os nossos amigos falaram hoje sobre o temor, o sofrimento, a violência e o niilismo, como expoente máximo da destruição. Também falaram sobre a fé em si mesmo, nos outros e no futuro. Disseram que é necessário modificar a direcção destrutiva que levam os acontecimentos, mudando o sentido dos actos humanos. Além disso, e como coisa fundamental, disseram como fazer tudo isto; de maneira que eu nada de novo acrescentarei hoje.

Gostaria somente de fazer três reflexões. Uma em torno do direito que nos assiste de explicar o nosso ponto de vista; outra sobre como chegámos a esta situação de crise total e, por último, aquela que nos permita tomar uma resolução imediata e operar uma mudança de direcção nas nossas vidas. Esta resolução deveria concluir com um compromisso de todo aquele que esteja de acordo com o exposto.

Pois bem, que direito nos assiste de explicar o nosso ponto de vista e actuar em conformidade? Em primeiro lugar, assiste-nos o direito de diagnosticar o mal actual de acordo com os nossos elementos de ajuizamento, ainda que não coincidam com os estabelecidos. Nesse sentido, dizemos que ninguém tem o direito de impedir as novas interpretações, baseando-se em verdades absolutas. E quanto à nossa acção, por que razão haveria de parecer ofensiva para outros, sendo certo que não interferimos nas suas actividades? Se em algum lugar do mundo se impede ou se distorce o que dizemos e o que fazemos, nós podemos dizer que aí há má fé, absolutismo e mentira. Porque não deixar que a verdade corra livremente e que as pessoas livremente informadas possam escolher aquilo que lhes pareça razoável?

E, então, por que razão fazemos o que fazemos? Responderei a isso em poucas palavras: fazêmo-lo como supremo acto moral. A nossa moral baseia-se neste princípio: "trata os outros como queres que te tratem". E, se como indivíduos queremos o melhor para nós, estamos obrigados por este imperativo moral a dar a outros o melhor. Quem são os outros? Os outros são os mais próximos e aí onde cheguem as minhas possibilidades reais de dar e de modificar está o meu próximo; e se as minhas possibilidades de dar e de modificar chegassem a todo o mundo, o mundo seria o meu próximo. Porém, seria um despropósito preocupar-me declamativamente com todo o mundo se as minhas possibilidades reais chegassem só até ao meu vizinho. Por isso, há uma exigência mínima no nosso acto moral, que é a de cada um esclarecer ou actuar no seu âmbito imediato. E é contrário a esta moral não o fazer, asfixiando-se num individualismo sem saída. Esta moral dá uma direcção precisa às nossas acções e, além disso, fixa claramente a quem as mesmas estão dirigidas. E quando falamos de moral referimo-nos a um acto livre, à possibilidade de fazê-lo ou não fazê-lo e dizemos que este acto está por cima de toda a necessidade e de toda a mecanicidade. Este é o nosso acto livre, o nosso acto moral: "trata os outros como queres que te tratem". E nenhuma teoria, nenhuma escusa, está por cima deste acto livre e moral. Não é a nossa moral que está em crise, são outras morais que estão em crise, não a nossa. A nossa moral não se refere a coisas, a objectos, a sistemas, a nossa moral refere-se à direcção dos actos humanos. E toda a crítica e toda a transmissão que nós fazemos ou com que contribuímos, vai orientada para o sentido dos actos humanos.

Porém, há outro ponto que devo tratar agora e que se refere à situação de crise a que chegámos. Como sucedeu tudo isto e quem foram os culpados? Não farei disto uma análise convencional. Aqui não haverá ciência nem estatística. Pô-lo-ei em imagens que cheguem ao coração de cada um.

Aconteceu há muito tempo que floresceu a vida humana neste planeta. Então e com a passagem dos milénios, os povos foram crescendo separadamente e houve um tempo para nascer, um tempo para gozar, um tempo para sofrer e um tempo para morrer. Indivíduos e povos, construindo, foram-se substituindo até herdarem finalmente a terra e dominarem as águas do mar e voarem mais velozes do que o vento e atravessarem as montanhas e com vozes de tempestade e luz do sol mostrarem o seu poder. Então, viram ao longe o seu planeta azul, amável protector com as suas nuvens como um véu. Que energia moveu tudo isso? Que motor pôs o ser humano na história senão a rebelião contra a morte? Porque já desde a antiguidade a morte acompanhou o seu passo como uma sombra. E também desde a antiguidade entrou nele e quis conquistar o seu coração. Aquilo que no princípio foi luta contínua movida pelas necessidades próprias da vida, foi depois luta movida pelo temor e pelo desejo. Dois caminhos se abriram: o caminho do sim e o caminho do não. Então, todo o pensamento, todo o sentimento e toda a acção foram perturbados pela dúvida do sim e do não. O sim criou tudo aquilo que fez superar o sofrimento. O não acrescentou dor ao sofrimento. Nenhuma pessoa ou relação ou organização, ficou livre do seu sim interior e do seu não interior. Depois, os povos separados foram-se ligando e, finalmente, as civilizações ficaram conectadas; o sim e o não de todas as línguas invadiram simultaneamente os últimos recantos do planeta.

Como vencerá o ser humano a sua sombra? Será por acaso fugindo dela? Será por acaso enfrentando-a em incoerente luta? Se o motor da história é a rebelião contra a morte, revolta-te agora contra a frustração e a vingança. Deixa pela primeira vez na história de procurar culpados. Uns e outros são responsáveis por aquilo que fizeram,

mas ninguém é culpado do que aconteceu. Oxalá neste julgamento universal se possa declarar: “não há culpados” e se estabeleça como obrigação moral de cada ser humano reconciliar-se com o seu próprio passado. Isto começará aqui hoje em ti e serás responsável por que isto continue entre aqueles que te rodeiam, até chegar assim ao último recanto da Terra.

Se a direcção da tua vida não mudou, precisas de o fazer; mas se já mudou necessitas de fortalecê-la. Para que tudo isto seja possível, acompanha-me num acto livre, valente e profundo, que seja, além do mais, um compromisso de reconciliação. Vai ter com os teus pais, o teu par amoroso, os teus colegas, amigos e inimigos e diz-lhes com o coração aberto: “algo grande e novo aconteceu hoje em mim”, e explica-lhes então esta mensagem de reconciliação. Gostaria de repetir estas frases: “Vai ter com os teus pais, o teu par amoroso, os teus colegas, amigos e inimigos e diz-lhes com o coração aberto: “algo grande e novo aconteceu hoje em mim”, e explica-lhes então esta mensagem de reconciliação”.

Para todos, paz, força e alegria!